

ENTRE LUZ E SOMBRA ... : uma revisão de literatura sobre biblioteca escolar

Márcia Milton Vianna
Natália Guiné de Mello Carvalho
Rosana Matos da Silva

Revisão de literatura que apresenta a situação das bibliotecas escolares brasileiras, revê conceitos procurando chegar a um *modelo ideal* deste tipo de instituição.

1 INTRODUÇÃO

A princípio, a idéia de fazer uma revisão da literatura brasileira relativa ao conceito e objetivos de uma biblioteca escolar não nos pareceu tão problemática. Procuraríamos na literatura os conceitos e objetivos apresentados, ordenando-os cronologicamente, para então acompanhar seu desenvolvimento.

Entretanto, após identificação e leitura dos artigos, percebemos que grande parte da literatura estabelece o que deveria ser uma biblioteca escolar, mais do que a conceitua objetivamente. Decidimos, então, fazer o nosso trabalho com uma estrutura diferente do pensamento original, partindo de uma síntese da situação real das bibliotecas escolares brasileiras, até chegar a um *modelo ideal* deste tipo de instituição.

Esta revisão de literatura encontra-se estruturada em seis itens. No primeiro fazemos uma breve caracterização da literatura encontrada, atribuindo-lhe algumas características. No segundo apresentamos os conceitos de biblioteca escolar, trabalhando-os em ordem cronológica, no sentido de verificar sua evolução. No terceiro fazemos uma revisão da situação das bibliotecas escolares, considerando sua localização e espaço físico, acervo, pessoal e serviços prestados para, finalmente, procurar determinar o que se espera de uma biblioteca escolar, caracterizando seu papel e os requisitos necessários em termos de espaço, acervo, pessoal e serviços.

2 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA LITERATURA ANALISADA

A presente revisão de literatura se restringe aos periódicos brasileiros disponíveis na Biblioteca Professora Etelvina Lima da Escola de Biblioteconomia e na Biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG. As referências foram identificadas na Base Peri, que indexa os artigos de periódicos brasileiros disponíveis nas respectivas coleções. Tratam-se, portanto, de referências de artigos de periódicos brasileiros das áreas de educação, biblioteconomia e ciência da informação.

Os termos de busca utilizados para identificá-las foram : “Biblioteca escolar ” e “Biblioteca + Escola ”. Dos artigos levantados, foram selecionados aqueles que abordavam o assunto desta revisão – biblioteca escolar: conceito e objetivos – totalizando 42 artigos a serem analisados.

Tais artigos foram publicados nos seguintes periódicos¹:

Título dos periódicos	Nº de artigos identificados
1. Amai Educando	1
2. Biblios	1
3. Boletim ABDF.Nova série	10
4. Leitura:teoria e prática	1
5. Palavra Chave	1
6. Releitura	1
7. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	6
8. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	7
9. Revista de Biblioteconomia de Brasília	9
10. Revista de Biblioteconomia e Comunicação	2
11. Revista de Cultura UFES	1
12. Revista de Educação Pública	1
13. Transinformação	2

Do total de 42 artigos, 12(28,6%) foram publicados na década de 70; 21 (50%) foram publicados na década de 80: e 9 (21,4%) foram publicados na década de 90, sendo 1972 a data de publicação dos primeiros, e 1996 a data de publicação do último artigo identificado.

3 CONCEITO

Considerada à princípio como um “...laboratório da pesquisa escolar ” (24), a biblioteca escolar é conceituada de forma mais ampla por SANTOS (33) como “... centro de informação e de cultura a serviço da comunidade escolar .”

Enfatizando a função pedagógica da biblioteca escolar COSTA (11) a conceitua como

“... elemento de ligação entre o professor e aluno na elaboração e apresentação de pesquisas..”, servindo como “...complemento às informações adquiridas em classe...”

CERDEIRA (10) explora claramente a evolução do conceito. A biblioteca escolar, inicialmente considerada como uma pequena coleção de livros, periódicos e publicações existentes em escolas, ou mesmo nas salas de aula passa a incorporar, paulatinamente, outros materiais de auxílio ao ensino, se tornando um novo tipo de

“...centro de recursos educativos no qual a ênfase não é apenas colocada na leitura, mas, igualmente, em ouvir e observar materiais que compreendem slides, transparências, filmes, diagramas, reproduções de arte, fitas gravadas, etc.”

Nesta perspectiva a biblioteca passa a ser

“... um centro em que a interação do educando com uma variada gama de recursos de comunicação os transforma em verdadeiros laboratórios de auto-aprendizagem.”

Trabalhando, além da função pedagógica a função social, CARVALHO (7) define a biblioteca escolar como “... principal centro de aprendizagem da escola, sob atuação conjunta de professores e bibliotecários”, capaz de propiciar

“...o desenvolvimento das potencialidades do educando, prevendo suas necessidades intelectuais e sociais e oferecendo-lhe meios de satisfazê-las através de suas próprias indagações e pesquisas.”

¹ Em anexo a referência bibliográfica dos títulos destes periódicos

QUEIROZ (29), conceitua a biblioteca como um “...elo entre a educação formal e a não formal, ou permanente.”

Em 1983, dezesseis representantes de países latino-americanos, reunidos em Lima, Peru, no Seminário sobre bibliotecas escolares (4) chegaram a um consenso de que a biblioteca escolar deve ser entendida como:

...“laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional, devendo facilitar o acesso, a disponibilidade e a utilização de seus recursos a toda a comunidade educacional.”

Segundo eles, a biblioteca

“...oferece mecanismos concretos quanto ao cumprimento das condições básicas do desenvolvimento curricular”, portanto deve “adquirir uma especial importância quanto ao desenvolvimento de atitudes, habilidades e deverá ser um lugar convidativo, não importa o espaço que ocupe, quão velho seja o mobiliário, pois não é somente a aparência física que dá o clima de biblioteca, e sim a imagem do bibliotecário, a qual a biblioteca deve refletir”.

Numa alusão à necessidade vital da biblioteca escolar, ANTUNES (1) refere-se a ela como o coração da escola:

“A biblioteca é o coração da escola. A biblioteca é o coração do intelectual. Ambos são bons quando o biblioteca deles é boa. A biblioteca é o sangue do ensino. Ela é vital para o ensino e a educação dos alunos e professores. É o computador do pensador, do intelectualizante. É o cordão umbilical entre a sala de aula e a aprendizagem da ministrância das aulas. É o plasma do útero do conteúdo programático de qualquer disciplina, e também é o plasma do crescimento da curiosidade intelectual dos educandos e dos educadores.”

CARVALHO (8) reafirma que a biblioteca é o “...verdadeiro laboratório de aprendizagem dentro da escola elementar” e salienta ser ela:

- “...lugar ideal para o impulso de busca - descoberta da criança”
- “...lugar de leitura ou, pelo menos, de leitura recreativa, que sedimenta o hábito de ler e ajuda a desenvolver, na criança, a imaginação e o amadurecimento intelectual”.

RAMALHO(30) destaca a função da biblioteca escolar, afirmando que :

“A biblioteca escolar é desescolarizada; ir à biblioteca significa, para a criança, em primeiro lugar mudar de espaço, de atividade, e, em segundo a possibilidade de desenvolver-se sem a pressão das exigências da sala de aula.” (ANTUNES apud RAMALHO)

VALIO (40) reafirma o potencial da biblioteca como um “...laboratório de aprendizagem”, valorizando a necessidade de se ensinar ao aluno como usar a informação e de se orientar a leitura, cooperando com a educação e desenvolvimento escolar e contribuindo para a formação de estudantes bem sucedidos e adultos capacitados.

Citando uma colega, BARBOSA (3), refere-se a biblioteca como um espaço vivo e atuante de que o usuário deve usufruir em toda sua potencialidade, pois além de servir como apoio no processo ensino-aprendizagem, constitui-se em lugar onde oportunidades de experiência cultural podem ser criadas. Ela tem diferentes papéis a cumprir, não devendo, portanto, estar isolada da escola devendo, ao contrário, interagir com a escola, comunidade e com o meio social.

CASTRILLIÓN apud MAYRINK e outros (20), compartilha com esta opinião considerando a biblioteca um instrumento de desenvolvimento curricular que constitui parte integral do sistema educativo, participando de seus objetivos, metas e fins. Segundo ela, a biblioteca é uma instituição social

que organiza materiais bibliográficos e não bibliográficos, colocando-os à disposição da comunidade educacional, possibilitando a aprendizagem permanente, o fomento da leitura, a criatividade, a comunicação, a recreação, apoiando os docentes na sua capacitação, fornecendo-lhes a informação necessária para a tomada de decisões em aula.

Segundo RIBEIRO (31) a biblioteca precisa ser entendida como um *espaço democrático*, local de acesso crítico a informações. Deve promover o encontro entre professor e aluno na elaboração de leituras e pesquisas, servir de apoio didático e cultural, apoiar informacionalmente o professor e tornar-se um instrumento dinâmico e eficaz no processo ensino-aprendizagem.

Para SANCHES NETO a eficácia da biblioteca está na sua diversidade, no direito de escolha:

“A biblioteca escolar que se queira eficaz tem que se assumir como uma infinidade de janelas abertas para o mundo e transmitir ao aluno o direito de escolha por qual delas quer ele olhar. Os efeitos da leitura não podem ser previamente definidos pelo educador. Ler é sempre uma atividade cujos resultados são imprevisíveis.” (32)

Finalizaremos com o conceito de SILVEIRA (36):

“A biblioteca escolar é uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisador. O aluno deve investigar, e a biblioteca é centro de investigação tanto como é um laboratório.”

4 COMO ESTÃO AS BIBLIOTECAS ESCOLARES NO BRASIL

Inoperantes. Precárias. Fechadas. Instituições marginais ao ensino. Órgãos sem vida. Último e mais esquecido departamento da escola..

São estes alguns termos encontrados na literatura para qualificar as bibliotecas escolares brasileiras. O Grupo de Estudos de Bibliotecas Públicas e Escolares dos Distrito Federal (18) chega mesmo a questionar:

A biblioteca escolar existe?

Tal questionamento pode parecer excessivamente duro pois na biblioteca escolar deposita-se uma esperança de melhoria na formação de leitores: leitores que sejam capazes de sair do nível de reconhecimento e se tornem críticos, aptos à conquista da cidadania.

OLIVEIRA (24), em artigo publicado em 1972, utiliza o termo *fechadas* para definir as bibliotecas escolares de 20 anos atrás. Fechadas, não apenas física, mas também intelectualmente

“... o fecho moral e mais o fecho de preconceitos. O acesso dos jovens ao livro era um acesso por demais controlado.”

Passado um tempo bastante razoável desde que esta afirmativa foi feita, é válido questionar se ocorreu alguma mudança significativa na situação. Acreditamos que o número de bibliotecas escolares existentes possa ter aumentado, que o tipo de acervo disponível tenha sido alterado, que até mesmo o espaço físico disponível possa ter mudado sua configuração. Entretanto, acredita-se também (e neste caso a literatura disponível é pródiga em exemplos) que a biblioteca escolar como um todo não tenha assumido o papel de destaque que merece, sendo ainda pouco acreditada e pouco valorizada pelos órgãos oficiais que a devem financiar, pelos diretores de escolas particulares, e até mesmo pelos professores que atuam no ensino de 1° e 2° graus no Brasil.

No que diz respeito a este aspecto, PIMENTEL (26) afirma que, até agora, nada de duradouro foi feito em relação à criação de bibliotecas escolares pelos governos estaduais ou municipais. Professores, diretores de escola e outras pessoas envolvidas diretamente com o ensino desconhecem o valor da biblioteca escolar como complemento do ensino formal e como instituição que pode possibilitar o desenvolvimento social e intelectual do aluno. Transformam este desconhecimento em ações que prejudicam o funcionamento das bibliotecas, como o desvio de funcionários que atuam nas bibliotecas para outras funções mais *urgentes* e o não estabelecimento de dotação orçamentária própria, por exemplo. NOGUEIRA (23) cita FONSECA que diz que a realidade mostra que, apesar de a biblioteca escolar ter sido uma das primeiras a ser implantadas no Brasil, sua implantação não se concretizou de fato, e que ela continua praticamente inexistente no sistema educacional.

SANTOS(33) ressalta a existência de poucas bibliotecas escolares e - o que pode ser pior ainda - a existência de bibliotecas que funcionam de forma precária, destacando principalmente a situação do Distrito Federal.

PIMENTEL (26), ao pesquisar as redes oficial e particular de ensino em Pernambuco, verifica que são poucas as escolas que possuem bibliotecas para uso de seus alunos.

FERREIRA(15) caracteriza a biblioteca escolar como um simples repositório de material impresso, e isso ainda quando ele existe.

Para CARVALHO (9) a biblioteca escolar no Brasil, ao invés de funcionar como instrumento de incentivo à formação de hábitos de leitura, vem mantendo um distanciamento histórico da problemática da educação elementar, contribuindo para afastar o pequeno leitor do livro. A autora transcreve a declaração de SILVA, segundo a qual a biblioteca escolar pode ser

“...configurada como apenas mais um item de uma disfunção maior, ou seja, do desrespeito e opressão que, atualmente atingem e dificultam o trabalho consciente e transformador por parte dos educadores.”

QUEIROZ (29) faz uma constatação interessante: para a autora, existem poucos estudos sobre a situação atual das bibliotecas escolares no Brasil, embora possa ser determinado, quase que empiricamente, ou através de observações, que a biblioteca escolar, quando existente, é quase sempre *“... um órgão sem vida dentro do organismo escolar...”* A autora cita WERNECK que comenta sobre a falta de dados oficiais que comprovem a existência deste tipo de instituição.

CUARTAS E GATTI (12) também comentam sobre a inexistência de bibliotecas escolares em escolas de 1º e 2º graus, qualificando as existentes como inadequadas no que se refere a verbas, acervo, serviços, pessoal e espaço físico.

ANTUNES (1) compartilha deste mesmo pensamento e comenta que a biblioteca é praticamente inexistente no contexto escolar, tão poucas são as unidades atuantes. Complementa dizendo que não se pode afirmar que exista um sistema nacional de bibliotecas escolares. Ao estudar o ensino de 1º grau no Brasil em 1984, a autora constatou que, dos 161.858 estabelecimentos de ensino regular existentes, somente 18.517 tinham bibliotecas, considerando que, para efeitos estatísticos, qualquer quantidade de livros reunidos em um lugar qualquer da escola, pode ser considerado biblioteca. Diz também que às vezes podem ser encontradas bibliotecas espaçosas, com mobiliário adequado mas com acervo desatualizado, uma vez que não existem recursos específicos para a manutenção dos acervos.

RAMALHO (30) cita FONSECA segundo o qual as bibliotecas escolares no Brasil deixaram de ser estudadas por não existirem e, por não existirem, “...*cai sobre elas o silêncio.*”

4.1 Espaço físico e localização das bibliotecas

Entre no quarto corredor à esquerda, ande 20 metros, vire à direita, passe ao lado do cão de guarda que vigia a residência dos caseiros, pule a pequena valeta por onde escorre a água da chuva (cuidado!, quando molhado o terreno é escorregadio), ande mais 50 metros e então encontrará um barracão abandonado, que serve de depósito, atravesse-o de uma extremidade à outra, no fundo descobrirá uma porta e nela deve haver (se ainda não foi arrancada) uma placa dizendo : Biblioteca. Entre sem bater e fique em silêncio.”(32).

Este *Breve guia para uma viagem à biblioteca*, embora possa nos parecer algo tragicômico, serve para ilustrar a má localização das bibliotecas nas escolas, e também a precariedade de seu espaço físico.

SANTOS (33) comenta sobre bibliotecas instaladas em salas de recreação, em corredores do pátio escolar, e até mesmo em vestiários.

O estudo de Taylor (39) em Florianópolis, Santa Catarina, revelou bibliotecas com área reduzida em relação ao número de alunos matriculados, e até mesmo bibliotecas conjugadas com salas de aula.

A situação identificada por CUARTAS E GATTI (12) também não é muito diferente :

“...bibliotecas instaladas em salas de recreação, em corredores de pátios escolar, em vestiários e até mesmo em armários fechados no fundo da sala do diretor ou na secretaria escolar.”

ANTUNES (1) diz que, mesmo em escolas de maior porte, são encontradas bibliotecas em salinhas minúsculas que servem a outros fins, e que de biblioteca só tem o nome.

Em estudo realizado junto a algumas escolas oficiais de 1º e 2º graus do Município de Marília - São Paulo - MAYRINCK e outros (20) verificaram que a maioria das bibliotecas estudadas não apresentava boas condições no que diz respeito ao aspecto físico.

4.2 O acervo

Como podem ser qualificadas nossas bibliotecas escolares quanto ao seu acervo?

OLIVEIRA (25) qualifica o acervo de nossas bibliotecas escolares como bastante precário, pobre quantitativa e qualitativamente, formado por livros originários de doações, e com um acervo de periódicos praticamente nulo. Os livros são *endeusados*, considerados “... *como que únicas fontes fidedignas de transmissão de conhecimento e informações.*”

SANTOS (33), embora não avalie qualitativamente o acervo das bibliotecas, ressalta sua localização em armários fechados, no fundo da sala do diretor ou na secretaria da escola.

SANTOS E CARMONA (34) qualificam o acervo das bibliotecas escolares como impróprios, geralmente em mau estado de conservação “... *para não dizer literalmente caindo aos pedaços.*”

ANTUNES (1), se referindo às bibliotecas da rede escolar brasileira, caracteriza seu acervo como sendo formado por um conjunto pequeno de livros, velhos e amarelecidos pelo tempo (muitas vezes ainda adotando uma ortografia antiga), empoeirados ou então por manuais didáticos descartáveis, preenchidos ou não, depositados em uma prateleira de armário da sala de professores, secretaria ou gabinete de diretor, ou então trancados para não serem danificados.

Em estudo realizado nos municípios de Rio Grande e Santa Vitória, Rio Grande do Sul, junto à rede de escolas de 1º e 2º graus da 18ª Delegacia de Ensino, CUARTAS e CORRÊA (13) identificaram

bibliotecas com acervos pobres, formados predominantemente por livros e ressaltaram, principalmente, a inexistência de dotação orçamentária regular que possibilitasse uma política de seleção adequada.

Outro estudo realizado por TAYLOR (39), no município de Florianópolis, Santa Catarina, restrito à zona urbana, identificou que a maioria das bibliotecas tinha o livro como material dominante, com uma média de 1 a 2 livros por aluno, e que algumas bibliotecas não contavam com livros de literatura infantil em seu acervo. Como no trabalho anterior, poucas bibliotecas contavam com verba anual para compra de livros.

No que diz respeito às escolas oficiais de 1^o e 2^o graus de Marília, Estado de São Paulo, MAYRINCK e outros (20) identificaram acervos com pouca opção para leitura, e uma predominância acentuada de material didático.

4.3 O pessoal

Um ponto de estrangulamento severamente criticado na literatura, se refere ao pessoal que atua nas bibliotecas.

SANTOS (33) considera precária a situação das bibliotecas escolares e afirma que a maioria dos professores desconhece a biblioteca de sua escola, e que aproveita o horário da biblioteca para repousar ou tomar um café, ao invés de acompanhar seus alunos. Critica também o fato do bibliotecário ser sempre um professor adoentado que perdeu a capacidade de ensinar, ou o secretário da escola, ou até mesmo um dos funcionários culturalmente mais aptos. Cita SZPAKOWSKA segundo a qual o bibliotecário é, geralmente, “... *um personagem sem estatuto profissional, social e econômico definido.*”

OLIVEIRA (25) afirma que são raras as bibliotecas que contam com profissionais devidamente habilitados para atuar como tal, e que mesmo quando tal profissional existe, atua de forma isolada. Ela complementa a afirmação indicando que, nas escolas de 1^o e 2^o graus do Estado de São Paulo, quem atua nas bibliotecas são pessoas em licença médica, professores em fase final de magistério que, por condições psíquicas, não suportam um total de 40 a 45 alunos em sala de aula.

SANTOS E CARMONA (34) destacam a falta de entrosamento entre professores e bibliotecários:

“... a pessoa que atende indica uma linha diferente na pesquisa ou limita-se a dizer que não dispõe do assunto procurado.”

A biblioteca escolar é o local onde atuam pessoas que, por algum motivo encontram-se inaptas para o trabalho em sala de aula, é a observação feita pelo GRUPO DE ESTUDOS DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES DO DISTRITO FEDERAL (17). O pessoal que atua em bibliotecas escolares é geralmente despreparado e desestimulado, devido à falta de estabilidade na função e à inexistência de cursos de treinamento. Além disto é pouco valorizado, sendo visto pelos colegas como um boa vida, um privilegiado, aquele que na biblioteca se refugia, *escapando* do exercício do magistério.

O GRUPO, estudando a situação específica do Distrito Federal (18), verificou que, nas bibliotecas escolares, atuam os portadores de doenças graves, com processo de saúde formado pelo Serviço Médico da FEDF, ou alguém com influência política. Verificou também o aproveitamento de professores que lá estão há muitos anos, sem a mínima afinidade com o trabalho desenvolvido. Tais pessoas

“... dão um jeitinho e continuam na biblioteca sem aspirações. Fazendo o que sempre fizeram ou melhor o que nunca fizeram.”

Foram encontradas ainda pessoas sem a formação adequada para a função, como por exemplo serventes e motoristas.

Além de constatar um número reduzido de bibliotecários trabalhando em bibliotecas escolares, CARVALHO (9) citando CASTRO, considera que todo esforço é canalizado para a biblioteca em si mesma, ou seja, os bibliotecários se preocupam com a organização do acervo, descuidando-se do cumprimento dos objetivos da instituição e daquilo que deveria ser sua preocupação fundamental

“... a matéria prima essencial de uma biblioteca escolar que, na verdade, não são os livros em si, mas os alunos.”

CUARTAS E CORREIA (13) em estudo realizado no Rio Grande do Sul, constataram que, quando necessário, o professor responsável pela biblioteca é deslocado para outros setores da escola, como por exemplo a sala de aula ou a cantina. Constataram também que apenas 9% dos funcionários que atuava nas bibliotecas tinha graduação em biblioteconomia, e que havia grande rotatividade de pessoas.

MAYRINCK e outros (20) verificaram que os profissionais que atuam nas escolas oficiais de 1º e 2º graus do Município de Marília, Estado de São Paulo, não têm habilitação e preparo para tal e que, frequentemente, desempenham outras funções na escola.

É evidente que, com condições de funcionamento tão precárias, as bibliotecas escolares brasileiras não poderiam atingir um nível razoável de prestação de serviços.

4.4 Os serviços

SANTOS (33) considera que a biblioteca escolar brasileira tem funcionado como um local onde se emprestam livros de forma precária e desorganizada.

Para ANTUNES (1) a biblioteca tem servido como *castigo*, local aonde os alunos recorrem para retirar um livro com o objetivo de atender à tarefa específica de elaborar uma ficha de leitura.

BRUNO (5), Secretário de Educação do Distrito Federal, diz que os serviços oferecidos pelas bibliotecas escolares estão desarticulados com a sala de aula, desarticulação esta que traz como conseqüência o isolamento da instituição, que transforma-se, assim, em um depósito de livros. Tal problema é acentuado pela inadequação e escassez do acervo e insuficiência de recursos humanos.

Para CARVALHO (8) a biblioteca escolar está longe de funcionar como um laboratório de aprendizagem. Além disto seu funcionamento privilegia a função pedagógica, em detrimento de um trabalho de base junto ao não leitor e ao leitor apenas iniciado ou que apresenta dificuldades para a prática da leitura. A biblioteca tem trabalhado de uma forma padronizada, pressupondo um leitor modelo, sem fazer uma tipologia do seu aluno, mantendo-se alienada em relação às diferentes origens sociais do educando e, conseqüentemente, às diferentes histórias de contato com o livro.

Os serviços prestados pelas bibliotecas escolares da rede oficial de ensino do Distrito Federal, segundo o GRUPO DE ESTUDOS DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES (18), são prejudicados pela existência de turnos nos quais não existem pessoas disponíveis para a biblioteca.

5 O QUE SE ESPERA DE UMA BIBLIOTECA ESCOLAR

Os diversos autores pesquisados apontam uma série de funções específicas das bibliotecas escolares, e que não podem deixar de ser mencionadas para uma compreensão ampla do que *se espera e se pode esperar* delas.

A principal destas funções é a de proporcionar atividades de apoio ao ensino, estudo e pesquisa. A menção mais antiga desta função, localizada na literatura consultada, data de 1972 (24), e nota-se sua permanência ao longo do tempo. As funções de “*ponto de acesso aos bens culturais*” (37), de instrumento para o “*desenvolvimento do gosto pela arte*” (24) e apoio a atividades extra classe,

juntamente com a de fornecedora de elementos para o aprimoramento do senso crítico dos estudantes, também são bastante evidenciadas pela literatura.

Feitas estas considerações, o que deve ser a biblioteca escolar? O que se pode esperar dela? Localizamos diversas características, relativas ao espaço físico, ao profissional, ao acervo e aos serviços que a biblioteca escolar pode prestar, que serão expostas a seguir.

5.1 O papel da biblioteca escolar

Um dos papéis mais importantes da biblioteca escolar, indiscutivelmente, é o de mola propulsora dos processos de ensino e aprendizagem, e da formação do leitor. Como instrumento didático, deve extrapolar o currículo da escola, de modo a incentivar a continuidade da educação.

Poderia, sem dúvida, oferecer uma maior gama de oportunidades de educação, melhorando o suporte aos currículos, favorecendo a personalização do conhecimento de acordo com as motivações individuais dos alunos (10). Deve ser a ponte natural entre educação formal e sociedade.

Deveria ser o espaço ideal para a prática da leitura, mas ainda sofre com o estigma de “local sombrio, de castigo”. É, por excelência, um laboratório de aprendizagem, devendo fazer parte do cotidiano do estudante, alimentando a utilização da informação e geração de novos conhecimentos.

Em alguns casos bem particulares, as bibliotecas escolares possuem a função social de suprir a inexistência de uma biblioteca pública na cidade, e passam a fornecer informações de caráter utilitário para a comunidade, além de dar suporte informacional ao ensino. Verifica-se aqui uma tendência no sentido da democratização da educação.

5.2 Ambientação e o espaço físico

Como já foi mencionado anteriormente, é necessário que a biblioteca escolar seja “*entendida como um espaço democrático onde interajam alunos, professores e informação*”.(31) Também deve, segundo FRAGOSO (16), acolher, cativar, envolver o estudante, convidando-o ao aprendizado. Seu espaço deve, por definição, ser vivo, dinâmico, aberto. Não deve ser um “... *núcleo isolado dentro do estabelecimento. É uma instituição que interage com a Escola, comunidade e meio social*”. (3) Deve ser uma “*livraria lúdica...*” (32), não esquecendo suas funções como apoio pedagógico.

O espaço deve se adaptar às necessidades e interesses das crianças, devendo ser planejado de forma a ser convidativo, incitar a curiosidade e favorecer a aprendizagem naturalmente. CARVALHO (8) salienta que alguns especialistas em educação

“... não querem associar biblioteca escolar e formação do hábito de leitura, com o receio, talvez, de que a imagem sombria e repressora daquela comprometa a relação lúdica e prazerosa da criança com o livro...”,

sendo este um motivo mais do que suficiente para que se procurem alternativas, juntamente com os educadores, para que a “sombra” dê lugar às cores.

SANCHES NETO (32) sugere que o espaço permita o contato do aluno com o livro, colocando as obras em exposição de forma diferente da tradicional, exibindo as capas e tornando o material mais atrativo. Outras obras como enciclopédias, dicionários e outras destinadas apenas à consulta podem ser armazenadas da forma tradicional, em estantes.

RAMALHO (30) critica o paradigma do isolamento e do silêncio total no ambiente da biblioteca, e pergunta:

*“por que não se adotar uma inversão de valores no espaço físico da biblioteca escolar, onde uma sala isolada seria posta à disposição daqueles que necessitam de silêncio? Por que não adotar uma **hora do som**?”* (grifo nosso).

3. O acervo

SANCHES NETO (32) nos dá a sugestão mais abrangente no tocante ao que deve ser o acervo de uma biblioteca escolar:

“ Deve conter todo o tipo de livro. É a variedade e não a especialização que define a qualidade de um acervo. Todos os livros [...] devem aprender a conviver[...]. É fundamental que não tentemos impor nossas preferências, uma vez que a clientela à qual eles são destinados é um feixe de destinos virtuais. ”

O *espaço democrático* da biblioteca escolar deve abrigar materiais que focalizem os mais diversos pontos de vista e as mais variadas contribuições da diversidade humana, de modo a fomentar o exercício do senso crítico e do *juízo inteligente* (14) dos estudantes, a respeito do seu cotidiano.

Não se pode esquecer, de modo algum, que o acervo da biblioteca escolar deve contemplar diretamente suas funções, fornecendo suporte informacional adequado ao cumprimento e enriquecimento dos programas de estudos, à obtenção dos objetivos dos currículos, sem deixar de lado os interesses, aptidões e necessidades pessoais dos alunos. FERREIRA (14) também salienta a necessidade de alimentar *“ o gosto literário e a avaliação estética e ética ”* nos estudantes. O aspecto de *“incentivadora do hábito de leitura ”*, indiscutivelmente um dos mais nobres da profissão bibliotecária, é o ponto mais fortemente evidenciado na literatura sobre a biblioteca escolar.

SIQUEIRA (37) enfoca particularidades bastante relevantes quanto à natureza dos usuários na biblioteca escolar, e que exercem influência capital sobre a composição de seu acervo:

*“ Para atender o **usuário-criança**, concebemos uma BE voltada, principalmente, ao desenvolvimento de habilidades artísticas que estimulem a percepção e a criatividade, incentivem a leitura de textos com imagens/palavras, possibilitando a descoberta do prazer de ler. Para o **usuário-adolescente**, a BE estará voltada, sobretudo, às atividades de apoio ao estudo e à pesquisa, instrumentalizando o aluno para usar os recursos da biblioteca na obtenção da informação ”. (grifos nossos)*

A inclusão de materiais especiais no acervo da biblioteca escolar é não só bem vinda, como incentivada, uma vez que o uso de fotografias, mapas, arquivos sonoros e de imagem possuem papel fundamental no aprendizado.

5.4 Os serviços

A literatura salienta que é necessária a integração entre professores e bibliotecários, no sentido de que a biblioteca ofereça serviços que possibilitem o desenvolvimento pleno do leitor e suas potencialidades. Estes serviços devem estar em consonância direta com a preocupação de oferecer ao aluno material didático articulado com o currículo e os programas de estudos da escola, bem como com sua função de apoio pedagógico.

SANCHES NETO (32) ressalta a necessidade do uso de *“ artimanhas mercadológicas ”* para motivar a frequência à biblioteca, como, por exemplo *“criar vitrines [...], levando assim o livro para fora da biblioteca (para os lugares onde os alunos ficam quando não estão em aula)...”* (grifo nosso). Expor o livro (como um produto), e levá-lo até o aluno são estratégias sugeridas por este autor. Promoções culturais também são consideradas bastante adequadas como estratégia para promover a biblioteca.

A orientação sobre a utilização dos materiais bibliográficos e a busca de informação em si serão de suma importância para que se alcancem tanto os objetivos da escola, como os da própria biblioteca.

Segundo CARVALHO (7), os serviços oferecidos na biblioteca escolar serão fator determinante no comportamento dos indivíduos formados pela escola:

“Aprendendo a usar a biblioteca, o jovem estará recebendo lições de comportamento democrático, estará adquirindo responsabilidade para com o uso de coisa pública, ao mesmo tempo que se dá conta das obrigações e comportamento adequado dentro de um grupo, aprendendo a trabalhar em equipe e a respeitar os gostos e direitos dos outros ”.

Para usuários das primeiras séries do 1º grau, recomenda-se a utilização de recursos como hora do conto, aulas de biblioteca, dramatizações, encontros com os autores das obras lidas, sempre permitindo a participação livre das crianças. No caso de alunos de séries mais avançadas, é necessário o trabalho de orientação bibliográfica, oferecendo noções de uso das fontes de informação e da normalização bibliográfica, já preparando o futuro usuário da biblioteca universitária. A filosofia dos serviços deve ser sempre a da educação permanente.

5.5 O pessoal

A biblioteca reflete a imagem do bibliotecário. Do layout à programação, tudo depende do ritmo que o bibliotecário dá ao ambiente. Toda a interação com a escola está sob sua responsabilidade, e isto inclui o respeito e o prestígio da biblioteca junto à instituição de ensino. O trabalho em equipe será a chave do funcionamento da biblioteca.

O bibliotecário deve tornar perceptível o seu trabalho, interagindo ativamente com professores e estudantes, promovendo eventos e alimentando a criatividade. Os profissionais nas bibliotecas escolares devem, também, possuir conhecimento específico das matérias trabalhadas na escola, utilizar e divulgar todas as fontes de informação existentes.

6 CONCLUSÃO

A literatura brasileira parece indicar que a biblioteca escolar, salvo raras exceções, tem sido um instrumento educacional inexplorado, mantendo-se como órgão marginal ao ensino e exercendo pouca atração em seus usuários. Na maioria dos casos a biblioteca tem funcionado como um mero depósito de livros, inadequados à sua clientela, *comandado* por pessoas que a desconhecem e não a valorizam como instituição, não conseguindo, portanto, explorar todo o seu potencial.

A sua situação real no Brasil nos leva a questionar :

Mas, afinal, o que deveria ser a biblioteca escolar?

Nota-se uma consonância na literatura, no que diz respeito ao seu caráter de ponto de acesso aos mais diversos discursos, aos mais diversos materiais, no seu papel de apoio didático e pedagógico, na formação do leitor, em sua função social.

O que se pode esperar dela? SIQUEIRA (37), citando Milanesi, define muito bem:

“...é aí que entra a biblioteca, não a real, mas a imaginária, aquela que poderá vir a ser, aquela que deverá ser. Como um centro de informações, a biblioteca por definição será um instrumento de desordem. Isso, desde que não exista um filtro que censure a informação que contradiga a ordem. A biblioteca tendo em seu acervo múltiplos discursos que se desdobram ao infinito não dá uma direção, mas propõe alguns caminhos, deixando ao indivíduo a tarefa de avaliar e decidir.”

Para concluir gostaríamos de lembrar o que foi colocado por CARVALHO (8) em artigo publicado em 1986. A autora reforça a necessidade de uma mudança radical – conceitual e operacional- dos bibliotecários frente à biblioteca escolar. Cita alguns fatores estruturais que vêm prejudicando a

situação das bibliotecas escolares, como por exemplo a escassez de recursos financeiros destinados pelo governo à educação. Sinaliza para a necessidade de uma ação coletiva com a tomada de posição de pequenos grupos, levados pelo desejo urgente de mudanças. Neste sentido destaca a formação de melhores profissionais bibliotecários e o importante papel a ser desempenhado pelas escolas de biblioteconomia e associações de classe do país, como elementos que podem possibilitar a eclosão de um movimento em direção à conquista de um ensino de maior qualidade.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ANTUNES, Walda de Andrade. Biblioteca e sistema de ensino. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 9, n. 2, p. 121-125, abr./jun. 1986.
- 2 ARAUJO, Aloma Berenice Novelino. SISBEC - uma proposta pedagógica. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 9, n. 2, p. 106-110, abr./jun. 1986.
- 3 BARBOSA, Reni Tiago Pinheiro. Biblioteca escolar: estudo do usuário e animação de leitura. **Releitura**, Belo Horizonte, n. 1, p. 31-38, nov./dez. 1991.
- 4 BARROSO, Maria Alice. Um modelo flexível para a biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. 1/2, p. 12-17, jan./jul. 1984.
- 5 BRUNO, Fábio Vieira. Serviços oferecidos pelas bibliotecas escolares em Brasília. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 9, n. 2, p. 157-158, abr./jun. 1986.
- 6 CARVALHO, Carmen Pinheiro de. A biblioteca e os estudantes. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196-211, set. 1972.
- 7 CARVALHO, Maria da Conceição. Educação de usuário em bibliotecas escolares: considerações gerais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 22-29, jan./jun. 1981.
- 8 CARVALHO, Maria da Conceição. Procura-se um espaço para a leitura nas bibliotecas escolares. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 9, n. 2, p. 111-115, abr./jun. 1986.
- 9 CARVALHO, Maria da Conceição. Uma política de desenvolvimento de coleção para a biblioteca do Instituto de Educação de Minas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 195-216, set. 1980.
- 10 CERDEIRA, Theodolindo. A biblioteca escolar no planejamento educacional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 1977.
- 11 COSTA, Tarcilla Martins da. Biblioteca escolar do Centro Pedagógico da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 278-282, set. 1975.
- 12 CUARTAS, Enriqueta Graciela D. de; GATTI, Gilca Martins. Audiovisual para treinamento de usuário em bibliotecas escolares. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 6, n. 4, p. 28-41, out./dez. 1983.
- 13 CUARTAS, Graciela D.; CORREA, Alba Maria Dourado. Diagnóstico da situação das bibliotecas estaduais pertencentes a 18^o Delegacia de Educação. **Biblios**, Rio Grande, v.2, p.9-15, 1987.
- 14 FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca pública é biblioteca escolar?. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 1/2, p. 9-16, jan./jun. 1978.
- 15 FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Reforma de ensino e biblioteca. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 707-712, jul./dez. 1977.
- 16 FRAGOSO, Graça Maria. À biblioteca, com prazer: resgatando a prática da leitura. **AMAE Educando**, n. 241, p. 35-37, mar. 1994.
- 17 GRUPO DE ESTUDO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES. Educação e biblioteca escolar. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 9, n. 2, p. 126, abr./jun. 1986.
- 18 GRUPO DE ESTUDO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES DO DF. A utopia da biblioteca escolar na rede oficial do DF. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 9, n. 2, p. 103-105, abr./jun. 1986.
- 19 MACEDO, Neuza Dias de; SIQUEIRA, Idmea Semeghini Prospero. Subsídios para a caracterização da

- biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. 1/4, p. 67-69, jan./dez. 1987.
- 20 MAYRINK, Paulo Tarcísio; MORANDIN, Rosana Helena; VANALLI, Tereza Raquel. Avaliação de coleção da FDE em bibliotecas de escolas da região de Marília. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 25, n. 3/4, p. 49-59, jul./dez. 1992.
- 21 MEDEIROS, Ana Vera Raposo de. Biblioteca interativa: experiência de letramento. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 5, n. 7, jan./jun. 1996.
- 22 MORETTI, Dina Maria Bueno; ALESSI, Cloris; ROCHA, Sônia Corrêa da; CARVALHO, Maria Elizabeth Ferreira de; SIMÃO, Odette. GIEB: uma experiência de integração escola-biblioteca. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 685-691, jul./dez. 1977.
- 23 NOGUEIRA, Maria Christina de Almeida. Considerações sobre o usuário da biblioteca escolar. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 9, n. 2, p. 147-150, abr./jun. 1986.
- 24 OLIVEIRA, Alaide Lisboa de. Escola e Biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 184-195, set. 1972.
- 25 OLIVEIRA, Tereza da Silva Freitas. A biblioteca escolar no regimento comum das escolas de 1 e 2 graus do Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 12, n. 3/4, p. 231-238, jul./dez. 1979.
- 26 PIMENTEL, Clea Dubeux Pinto. Programa para criação e instalação de bibliotecas escolares na rede de ensino oficial. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 693-705, jul./dez. 1977.
- 27 POLKE, Ana Maria Athayde. A biblioteca escolar e o seu papel na formação de hábitos de leitura. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 11, p. 60-72, mar. 1973.
- 28 POLKE, Ana Maria Athayde. Materiais não-bibliográficos nas bibliotecas escolares. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 128-144, set. 1976.
- 29 QUEIROZ, Raimunda Augusta de. A biblioteca escolar e o seu papel no sistema educacional. **Revista de Cultural UFES**, Vitória, n. 22, p. 47-56, 1982.
- 30 RAMALHO, Maria Olinda Horta. O silêncio na biblioteca escolar: necessidade ou mito? **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 3, p. 87-90, jan./dez. 1988.
- 31 RIBEIRO, Maria Solange Pereira. Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar: uma contribuição a formação crítica sócio-cultural do educando. **Transinformação**, Campinas, v.6, n.1/2/3, p.60-73, jan./dez. 1994.
- 32 SANCHES NETO, Miguel. Desordenar uma biblioteca: comércio & indústria da leitura na escola. **Leitura: teoria & prática**, Campinas, v.14, n.26, p.31-34, dez. 1995.
- 33 SANTOS, Inacia Rodrigues dos. A biblioteca escolar e a atual pedagogia brasileira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 145-150, jul./dez. 1973.
- 34 SANTOS, Marlene Souza; CARMONA, Lea Fiss. Biblioteca escolar. **Palavra-Chave**, São Paulo, v. 1, p. 21-22, maio 1982.
- 35 SILVA, Ezequiel Theodoro da. Bibliotecas públicas e escolares face a estrutura e conjuntura nacionais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 129-143, jan./jun. 1990.
- 36 SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v.7, p.9-30, jan./dez. 1996.
- 37 SIQUEIRA, Idmea Semeghini Prospero. Projeto Arte-In: preparando o arte-educador para interagir nas programações da biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. 1/4, p. 45-66, jan./dez. 1987.
- 38 TARAPANOFF, Kira. Biblioteca escolar: os problemas de forma, função e significado. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 5, n. 1, p. 36-41, jan./mar. 1982.
- 39 TAYLOR, Mitsi Westphal. Serviços bibliotecários a infância em Florianópolis: situação atual. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 30-34, jan./jun. 1981.

- 40 VALIO, Else Benetti Marques. Biblioteca Escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 15-25, jan./abr. 1990.
- 41 VALIO, Else Benetti Marques. Leitura: uma prioridade nas instituições educacionais inglesas e escocesas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 84-96, mar.1987.
- 42 VERRI, Gilda Maria Whitaker; SOUZA, Álvaro Luiz de. Sistema de bibliotecas de Pernambuco uma interpretação crítica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 28-31, jan./jun. 1980.

Anexo I

- 1 AMAE EDUCANDO. Belo Horizonte: Associação Mineira de Ação Educacional Educando, 1967.
- 2 BIBLIOS. Fundação Universidade do Rio Grande - Departamento de Biblioteconomia e História, 1985.
- 3 BOLETIM ABDF: Nova série. Distrito Federal: Associação de Bibliotecários do Distrito Federal, 1979.
- 4 LEITURA: teoria e prática. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1982.
- 5 PALAVRA CHAVE. São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários, 1982.
- 6 RELEITURA. Belo Horizonte: Biblioteca Pública Infantil e Juvenil, 1991.
- 7 REVISTA BRASILEIRA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. São Paulo: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, 1973.
- 8 REVISTA DA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMG. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1972.
- 9 REVISTA DE BIBLIOTECONOMIA DE BRASÍLIA. Brasília: Associação de Bibliotecários do Distrito Federal, 1973.
- 10 REVISTA DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO. Porto Alegre: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, 1986.
- 11 REVISTA DE CULTURA UFES. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, UFES, 1976.
- 12 REVISTA DE EDUCAÇÃO PÚBLICA. Cuiabá: UFM - Mestrado em Educação Pública, 1992.
- 13 TRANSINFORMAÇÃO. Campinas: PUCCAMP, 1989.